



## RESENHA : “@S NOV@S ADIT@S: A IMPLOÇÃO DO GÊNERO NA FEMINIZAÇÃO DO MUNDO”, DE ERNESTO SINATRA

Camila Giusti Tisott<sup>77</sup>

O livro de Ernesto Sinatra<sup>78</sup>, *@s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo*, desperta para uma nova prática com relação aos diferentes possíveis encontros entre os sexos, por um tempo marcado pelas características do “não-todo”<sup>79</sup> e pela nova palavra de ordem da época: “deves gozar”. Com isso, o autor trabalha, durante o livro, com a questão das micrototalidades e com as particularidades das formas de gozo. Gloria Aksman escreve no prólogo do livro: “e este livro constitui, sem sombra de dúvidas, ao menos para alguns de nós, um despertar”.

O ponto de partida é a ideia de que cabia à imagem do Pai a definição e imposição de regras a serem aplicadas no âmbito social, que representava os antigos sistemas imperiais e a proibição do gozo. Com a implosão de gênero exposta pelo autor, temos não mais a proibição do gozo, mas uma regra oposta: um dever de gozo. Essa característica de libertação está ligada à feminização do mundo, como uma forma outra de construção das relações. Sinatra constrói a ideia de globalização como um “processo de destotalização”, no qual as experiências são caracterizadas pela instabilidade e assumem caráter “feminino”, com aspectos como compaixão e política de aproximação. Ele afirma que é a lógica do Não-todo que permite o funcionamento da máquina da civilização e que o mercado passa a assumir um caráter emocional.

Tomando como exemplo as tribos urbanas, com a exigência de uma especialização em um campo, Sinatra traz à tona a construção de um tipo de domínio distinto da época onde a regra partia do Todo. Os grupos subdividem-se de forma tendenciosa, reafirmando a diferenciação de seu gozo com o resto do mundo. Toma-se como referência a teoria *Queer*, que possui diversos subconjuntos agrupados pelos aspectos de orientação e identidade sexual (heterossexual, homossexual, bissexual e assexual). Os teóricos defendem e abordam diversos tipos de gozar, enquanto isso, os subgrupos defendem e reivindicam seus direitos e defendem suas particularidades. O novo mal-estar do Não-todo parece não condizer com ele; trata-se da não-naturalidade da sexuação. Essa não-naturalidade soa como um resíduo das antigas proibições e negações do Todo, que perpetua pelo Não-todo como colapsos de gênero gerados pelas demandas de reconhecimento do direito do gozo sexual, que é um entre muitos diversos tipos de gozo.

---

<sup>77</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (PGCL/UNISUL). Especialista em Fotografia e Imagem em Movimento. Email: camila.giusti.tisott@gmail.com

<sup>78</sup> Sinatra é psicanalista, co-fundador da TYA (rede internacional de Campo Freudiano no abuso de drogas e álcool), membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e da Escola de Orientação Lacaniana (EOL).

<sup>79</sup> Usado no livro como uma correspondência entre o estado de globalização e o lado feminino das formas de “sexuação” (escolha da sexualidade nos humanos para além do natural).



Segundo Sinatra, a hipermodernidade do Não-todo trazia a ideia da nova ordem de gozo feminino, porém, com a dispersão da classificação de gêneros, ocorre uma desconfiguração desse gozo em outros tipos de gozos. Tomando como exemplo os assexuais, Sinatra traz o gozo fálico como algo que deixa de ser o gozo sexual, até se caracterizar pelo gozo pela não existência da relação sexual. Não se pode garantir que o gozo feminino tomará o lugar de outros tipos de gozo. A duplicidade entre gozo feminino e gozo fálico é o jogo que a feminização do mundo obedece. Isso acontece por causa da pluralização do gozo que se mescla, justapõe e se opõe reafirmando o gozo feminino / gozo fálico.

Como exemplificação dos novos tipos de gozo, Sinatra desenvolve o conceito de tele-gozo. De uma maneira ou de outra, a televisão induz a todos, independente de idade, a identificação de características que impõem uma nova uniformidade de gozar, cada qual adaptada para o público destinado, mas sempre buscando o maior número de representações de lugares comuns. Os roteiristas geram uma overdose de sexo e violência através da televisão, tentando seduzir todos ao novo modo de gozar. Os *talk shows*, bem como os *reality shows*, trazem pessoas comuns como foco e uma forma de tele-gozar por meio de escândalos.

Sinatra aborda, então, a questão da solidão globalizada, onde os indivíduos se aliam a seus *gadgets*, o que gera um gozo autista. Com o uso abusivo da internet, da televisão e de outros meios de comunicação, as relações pessoais e amorosas adquiriram características de isolamento. O pânico é uma característica instalada a partir da instabilidade que a falta da imagem do Pai gera. A tradição não garante mais o futuro, e não existe mais nada que fixe a irrupção do gozo. Resta, então, um novo mal, a questão do “amor químico”, que é abordada por Sinatra no final do livro e que caracteriza a falta de relações entre as pessoas. O mercado vende amor e vende gozo para pessoas inseguras, ele coloca como proposta de tratamento a confiança. Confiança que poderia ser comprada na farmácia: “(...) com o emprego da oxitocina<sup>80</sup>, resolveríamos o problema do laço social e sexual de um só golpe – perdão, com uma só aplicação”. Através do livro de Sinatra, temos um complexo arranjo teórico sobre uma época caracterizada pelo Não-todo, com a falta de limites e multiplicidade de gozos comandando a civilização na qual o “amor químico” pode se tornar um “amor tóxico”.

## REFERÊNCIAS

SINATRA, Ernesto. *@s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo*. Trad. Flávia Cera. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2013.

---

<sup>80</sup> A oxitocina é um hormônio presente no corpo do homem e da mulher, popularmente conhecido como hormônio do amor. Ela pode ser encontrada em forma de medicamento, na forma líquida ou em spray. Produz contrações no útero no parto e também no orgasmo.

TISOTT, Camila Giusti. Resenha: “@s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo”, de Ernesto Sinatra. *Revista Científica Ciência em Curso* – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 189-190, jul./dez. 2014.